A HONRA DE SERVIR - 4. A ENTREGA

Nas três primeiras mensagens, compreendemos que servir faz parte da essência de quem nasceu de novo; que precisamos manter o foco naquilo que realmente importa, vencendo o egoísmo e a omissão; e que servir exige compromisso, perseverança e fidelidade, mesmo quando as circunstâncias não são favoráveis.

No entanto, não podemos falar de serviço sem falar de entrega. Servir significa disponibilizar a Deus não apenas nosso tempo, dons e talentos, mas também nossos recursos, bens e finanças.

Podemos dizer que a essência nos faz servos; o foco nos mostra para quem e para que servimos; o compromisso nos faz permanecer; e a entrega demonstra que estamos inteiramente envolvidos naquilo que servimos (II Coríntios 9:7).

A entrega é uma resposta à graça de Deus

Servimos porque somos gratos, e não porque estamos tentando pagar por aquilo que recebemos. Quem entende a graça reconhece que não merecia nada daquilo que recebeu: a vida eterna. Nossa entrega, portanto, não é uma tentativa de conquistar o favor de Deus, mas uma resposta ao favor que já recebemos (II Coríntios 5:15).

Se servir ao Senhor é servir pessoas, e se o nível de entrega que Ele nos ensinou é a própria vida, então não temos mais reservas. Se Jesus é o Senhor e o Dono de todas as coisas, Ele não precisa pedir licença para usar aquilo que já Lhe pertence (Salmos 24:1). Tudo é dEle, nossa vida, dons, tempo, habilidades, bens e recursos financeiros.

É nesse contexto que precisamos compreender também a questão dos dízimos e das ofertas. O dízimo não começou com a Lei de Moisés. Sua prática já existia antes da instituição da Lei. Abrão, por exemplo, entregou o dízimo de tudo a Melquisedeque (Gênesis 14:18-20). Melquisedeque é uma figura que aponta para Cristo. Ninguém ordenou que Abrão fizesse aquilo. Foi uma expressão de consciência espiritual, gratidão e reconhecimento da soberania de Deus.

A entrega revela quem governa o nosso coração

A inclinação egoísta continua presente em nossa alma. Por isso, precisamos estar atentos à influência de Mamom (Mateus 6:24). Mamom representa o dinheiro e a influência que ele pode exercer sobre o coração humano. O dinheiro pode deixar de ser simplesmente um recurso e assumir o lugar de senhor, disputando com Deus o governo da nossa vida. Quem serve a Mamom não está servindo plenamente a Cristo (Mateus

12:30). O dinheiro não é apenas uma questão financeira; é também uma questão espiritual, porque está diretamente relacionado aos nossos valores, prioridades e motivações (Mateus 6:21).

Aquilo em que investimos nosso tempo, dons, talentos, habilidades, recursos e bens revela aquilo que consideramos importante. Por isso, não podemos separar nossa espiritualidade da maneira como administramos e entregamos nossos recursos. Quando o coração está verdadeiramente rendido a Deus, a entrega deixa de ser um peso e passa a ser uma expressão de adoração.

Ninguém é obrigado a ofertar. A doação, por si só, também não é uma prova de que alguém é cristão, pois pessoas que não professam a fé cristã também fazem doações. Entretanto, o cristão tem a natureza de Deus, que é generosa e doadora por excelência.

A entrega generosa produz frutos no Reino de Deus

Se todos os cristãos fossem fiéis nos dízimos e nas ofertas, não precisaríamos depender constantemente de campanhas, rifas, vaquinhas, ou mesmo mendigar verbas junto ao governo para manter os projetos funcionando. Haveria recursos suficientes para abrir novas frentes de trabalho, atender mais crianças, apoiar mais famílias, patrocinar a educação de estudantes em escolas por princípios, etc.

O livro de Êxodo relata que quando Deus ordenou a construção do Tabernáculo, Moisés convocou o povo para trazer ofertas (Êxodo 36:4-7). A resposta foi tão generosa que o povo teve que parar de trazer ofertas. Hoje, não estamos construindo um tabernáculo ou um templo físico, mas um edifício espiritual formado por pessoas.

Não é preciso ser rico para amar o dinheiro. Trata-se de uma questão do coração. Paulo diz que o problema não é o dinheiro em si, mas o amor a ele (I Timóteo 6:10). Dois exemplos bíblicos ilustram muito bem esse perigo. O primeiro é o jovem rico (Marcos 10:17-22). Ele não se entusiasmou com a promessa de riquezas no céu (Mateus 6:19-20). O segundo exemplo é Judas (João 12:3-6). Judas questiona o desperdício, mas esconde sua verdadeira motivação atrás de um discurso aparentemente correto. É preciso examinar as motivações que estão por trás de argumentos supostamente sensatos, como a necessidade de economizar, preservar recursos e administrar melhor o dinheiro!

A síndrome de Judas tem alcançado muitos corações hoje. Quem ama o dinheiro, uma hora ou outra, trairá Jesus, lesando, enganando, não pagando impostos, dando o jeitinho brasileiro na gestão financeira, pagando baixos salários aos funcionários, etc.

Por isso, precisamos vigiar nosso coração e lembrar que os recursos são ferramentas para cumprir propósitos, não senhores aos quais devemos obedecer.